

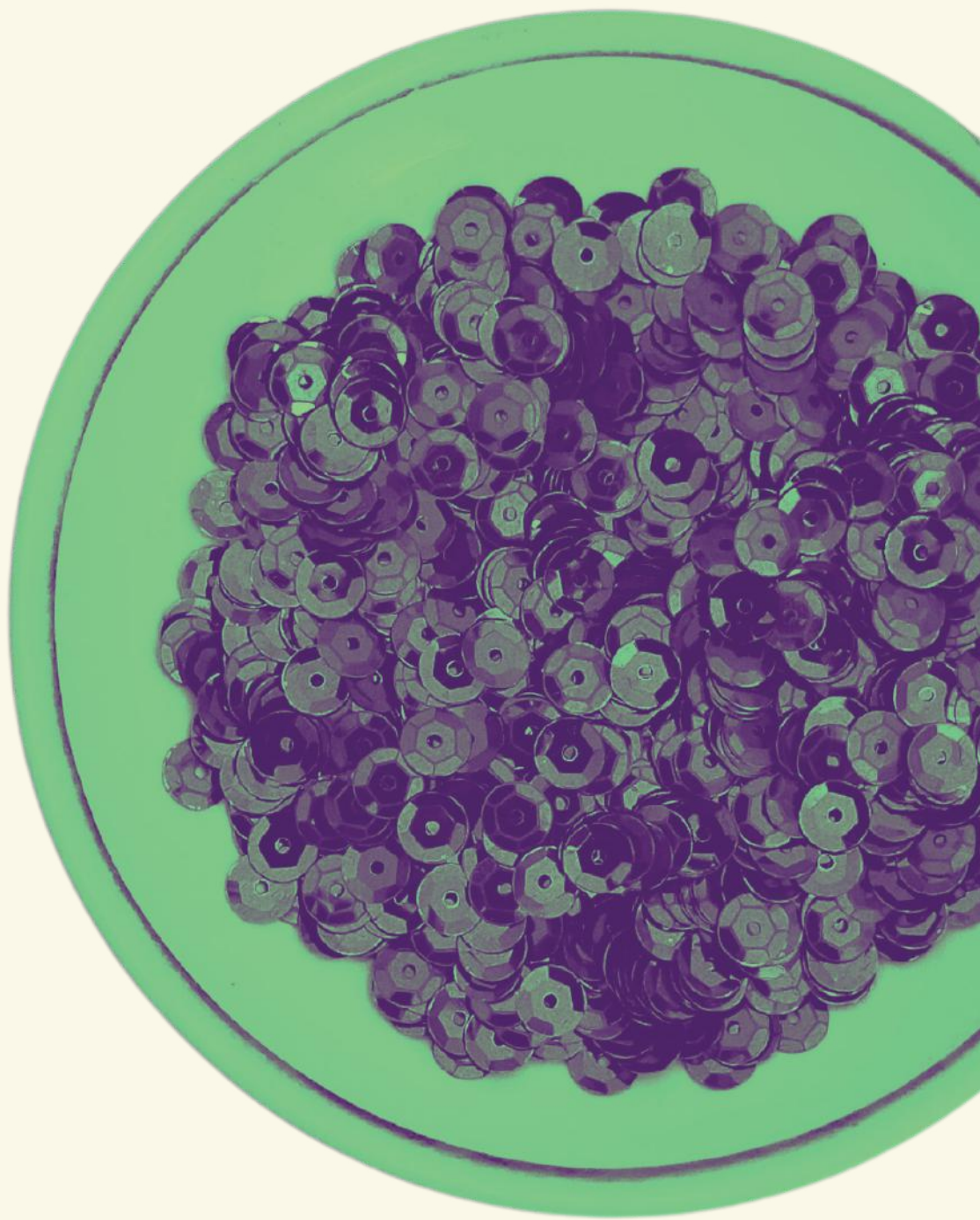


cor
tejo!



ESTANDARTES PARA ABRIR
BLOCO DE COR

Clara Assumpção





SUMÁRIO

<i>QUE NOS PERCAMOS PELA FESTA!</i>	9
<i>FESTA ARMA POLÍTICA DE ARTE</i>	11
<i>QUE ABRAM-SE OS OLHOS AOS NÃO CARNAVAIS!</i>	16
<i>PARA ABRIR BLOCO DE COR</i>	23
<i>O CARNAVAL QUEM É QUE FAZ?</i>	29
<i>OFICINA - PARA QUAL BRASIL SE ABREM OS CAMINHOS?</i>	31
<i>ESTANDARTES</i>	37
<i>SAÍDAS E BANDEIRAS</i>	53

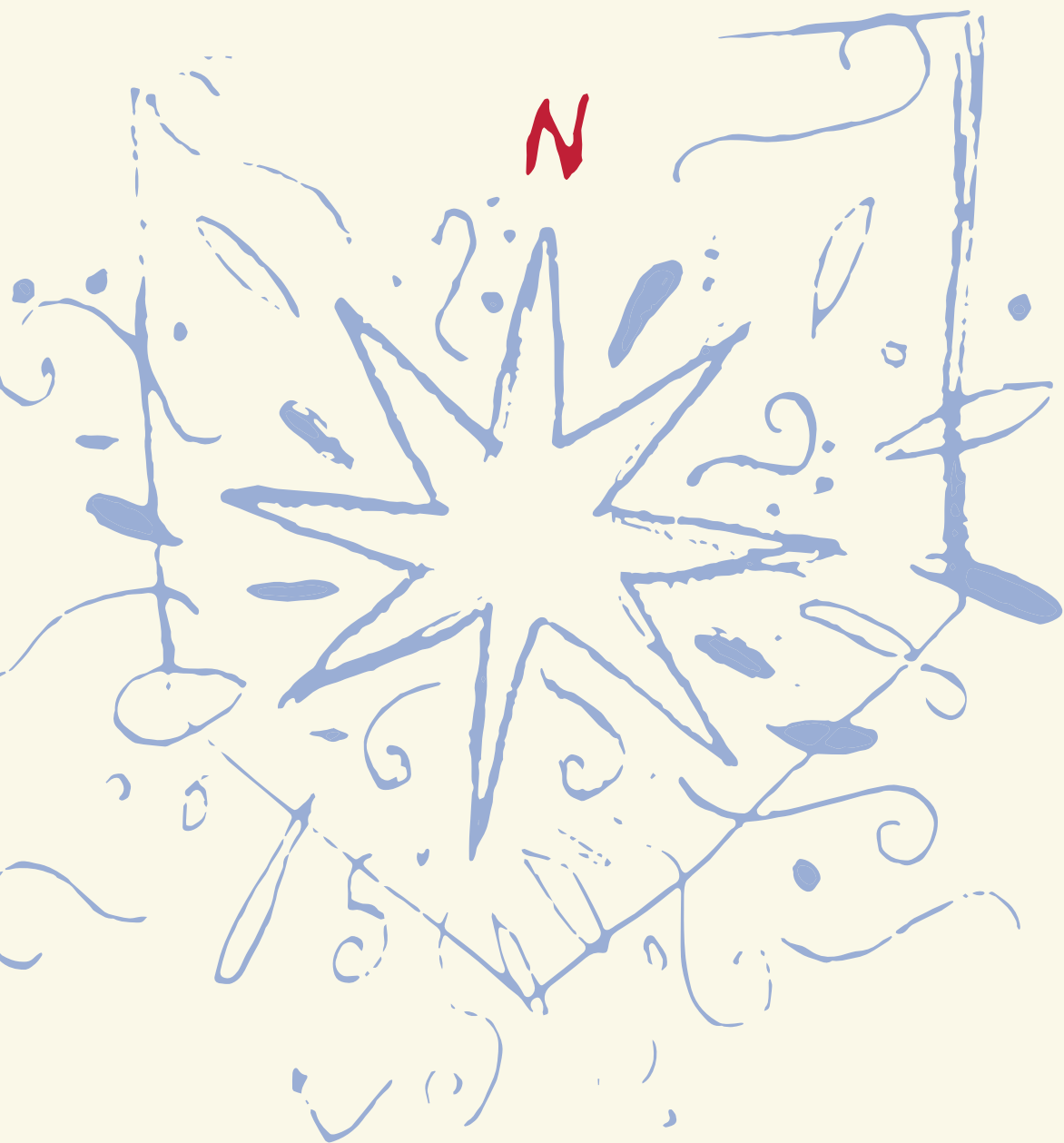
“ Eu

M
Soltei os
Soltei os

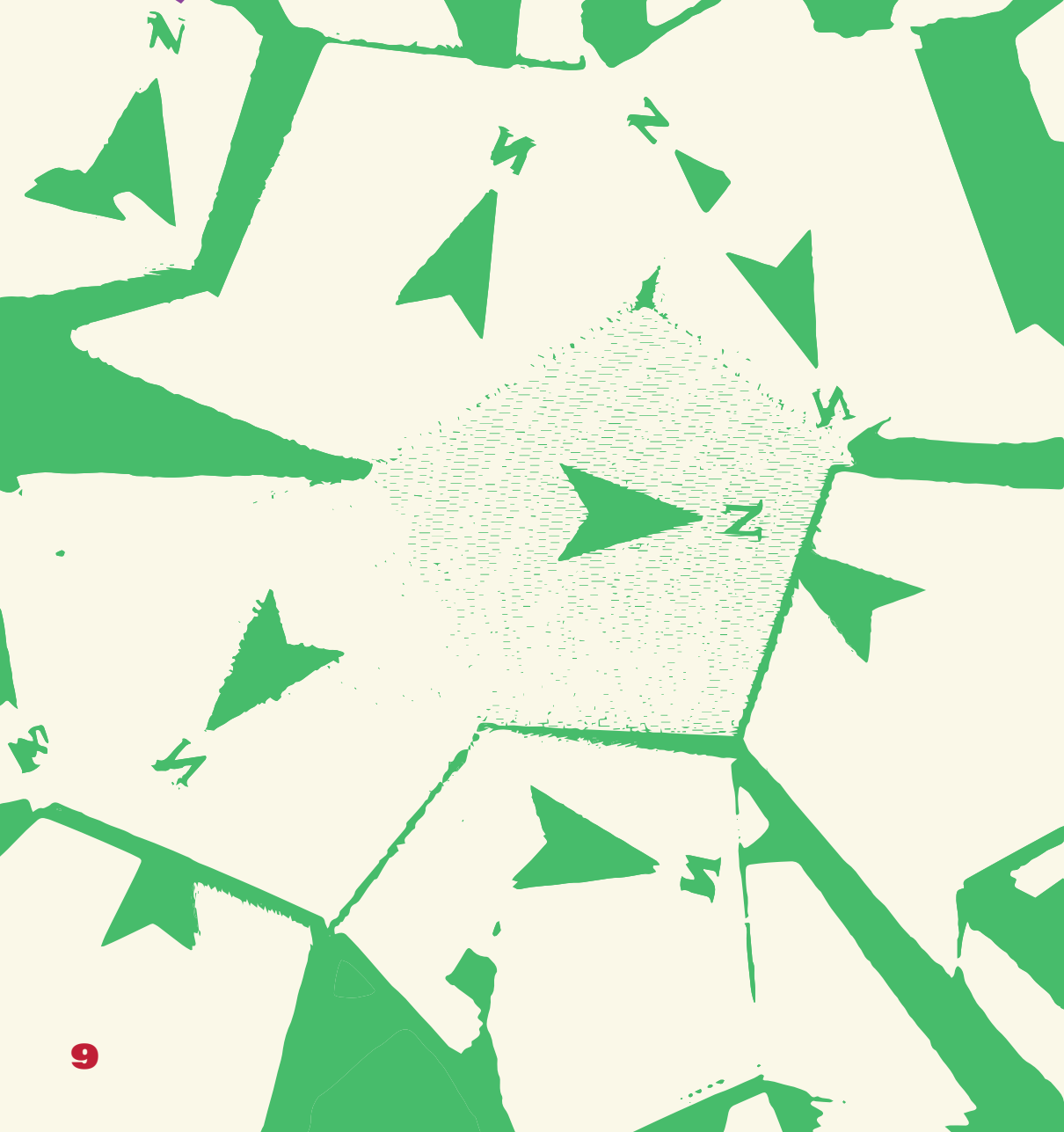
quis cantar
linha canção iluminada de Sol
panos sobre os mastros no ar
tigres e os leões nos quintais”

Um pedaço de pano hasteado sobre a altura das cabeças é a guia para quem quer se situar, abrindo caminhos e anunciando a passagem de um grupo. O pendurado balança conforme os passos de quem o leva com orgulho, afirmando a presença da imagem que carrega, seja ela uma santidade, um boi, um lema, uma escola de samba ou simplesmente as cores que os representam. Bandeiras ou porta-estandartes são como são chamados os encarregados de guiar o cortejo, em festejos do congado, em festejos de bois, ou nos desfiles carnavalescos de rua ou não.

A flâmula sinaliza a resistência em continuar seguindo, mas não como bandeira que estampa os limites que representam aqueles que disputam, mas sim estandarte, que teima em despontar brilho e cor no meio da multidão que ora declara sua fé, ora quer se perder pela festa.



QUE NOS PERCAMOS



MOS PELA FESTA!

Uma festa é o momento que coloca a maior quantidade de pessoas nas ruas por um único propósito no país. Refletir sobre o **carnaval** é base estruturante para entender o potencial criativo e político da festa no Brasil.

Como nos é apresentado por Hugo Vandrê Cavalcanti da Silva¹ em sua tese de mestrado, o carnaval no Brasil se dá como junção de vários festejos, brincadeiras, farras e travessuras nos tempos de império. Essa mistura diversa, heterogênea e bagunceira contrariava os "bons costumes" das elites e da igreja, que passaram a associar os festejos ao calendário católico e assim interceptar a festa para ser ferramentas de apaziguamento das massas que não se contentaram com a sua proibição. Concessão com moderação para fim de integrar os diversos povos, e portanto, reafirmar colonização.

O fortalecimento do carnaval através dos tempos pôde ser percebido em todo o país, e a festa de rua se tornou então maior do que o costume de bailes das elites. Ainda que essas tenham se reorganizado para novos formatos de eventos privados, a festa da rua é, sem dúvida, maior em dimensão e potencialidade cultural.

¹ Silva, Hugo Vandrê Cavalcanti da. **Estandartes – Bandeiras de festa e tradição: uma análise da simbologia e linguagem visual dos estandartes dos clubes e troças do carnaval de Recife e Olinda**. Tese de mestrado em Design, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2016.

F E S T A
A R M A
POLÍTICA
DE ARTE

É intrínseco aos cortejos de rua a ação de se espalharem pelas vias da cidade de forma não convencional: em multidão, tomando o espaço da rua para o pertencimento de todos os corpos. O carnaval é um corpo maior vivo pela cidade, compartilhando fundamentos dos atos e manifestações políticas que ocorrem no mesmo cenário.

Em *Curadoria de Barricada: expor as feridas coloniais*¹ somos convidados a refletir sobre como os centros urbanos realçam as desigualdades sociais. Por entre estátuas de colonizadores, ruas em nome de ditadores e tantas outras evocações de uma violência histórica e perdurante, nos centros das metrópoles brasileiras, vivemos e construímos uma rotina moldada pelas relações capitalistas que nos insensibiliza pelo cansaço. Nesse sentido, pode-se dizer que apoderar desse espaço tem potência contracolonial e a arte urbana tem desempenhado o papel principal nessa retomada, seja pelo pixo ou pelo grafite, mas também pelas intervenções e performances, onde se encaixa um desfile de bloco.

Em celebração, com adornos e na contramão das vias, o cortejo passa reivindicando o direito de se alastrar pelas ruas ressignificando-as pela farra. Em favor de uma retomada de espaços, o estandar-te passa à frente revisando a definição de bandeira, desviando da metodologia de guerra atrelada a essa palavra.

¹ RUOSO, Carolina. **Curadoria de Barricada: expor as feridas coloniais.** Sociomuseologia, Lisboa, p. 53 - 72, 2021.

Em 1968, durante o regime ditatorial mas ainda antes do Ato Institucional número 5, uma proposta de intervenção foi realizada na praça General Osório, no Rio de Janeiro. Os artistas, Nelson Leirner, Hélio Oiticica, Anna Maria Maiolino, Petrina Checcacci e outros, penduraram bandeiras de caráter crítico por toda praça carioca, sendo uma delas a famosa “Seja marginal, seja herói” de Oiticica. Como nos relata Tânia Rivera e Isabela Pucu em seu artigo *Carnaval: além de festa, um ato político*², todo o happening aconteceu como festa, com samba, e foi suficiente para não atrair a atenção das autoridades. Uma brecha na repressão que nos mostra como os conceitos de arte e política se confundem, principalmente quando se referem a ocupação de espaços públicos.

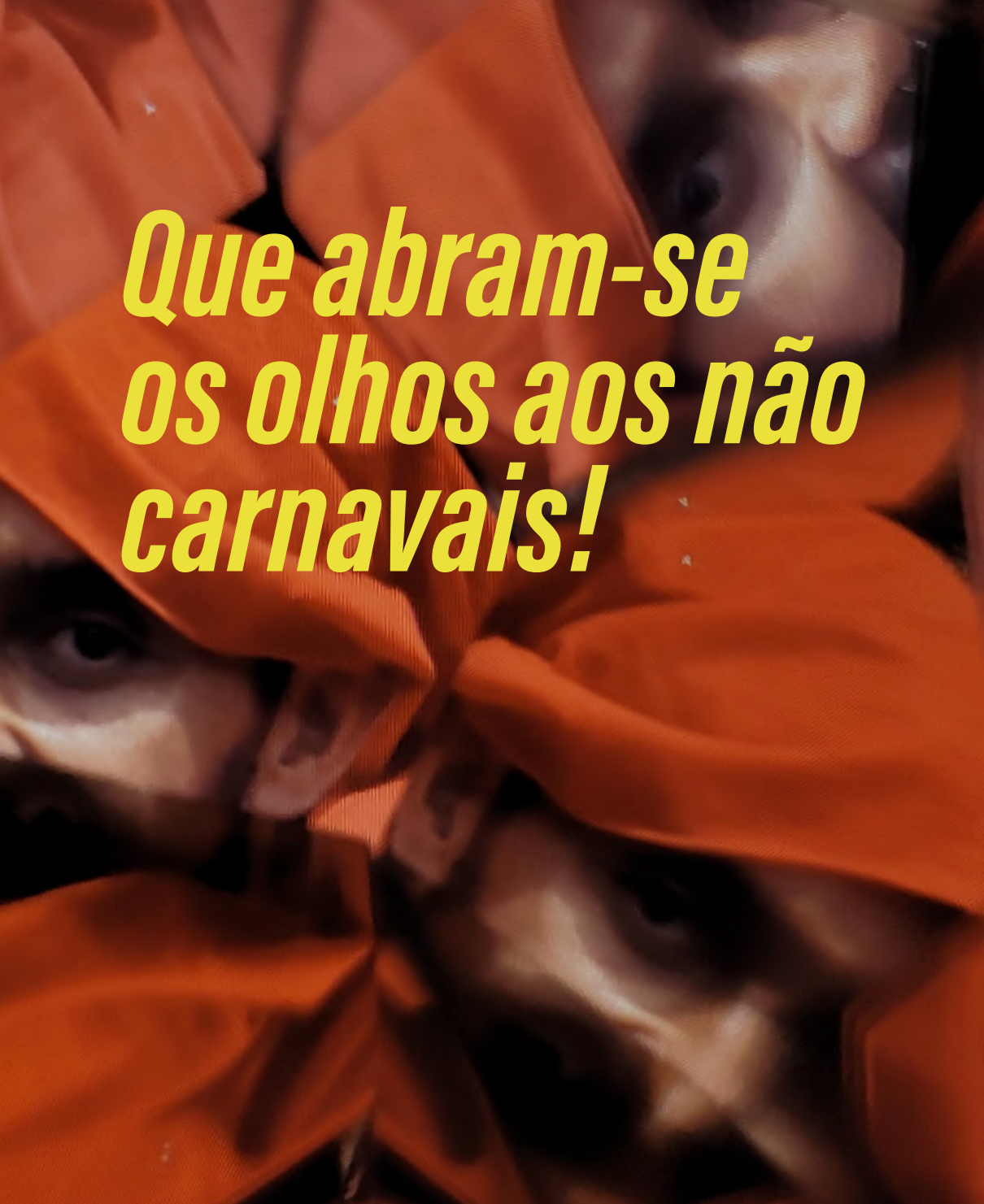
“Como no evento de 1968, a arte com alguma frequência aproxima-se do carnaval e da potência de outras manifestações populares espontâneas, produzindo brechas no tempo/espaço cotidianos e dissolvendo suas fronteiras institucionais em prol de sua afirmação como ação ético-política na cultura. Ao lado de manifestações artísticas e obras que veiculam discursos políticos mais explícitos, parece-nos importante assinalar na arte contemporânea uma potência de questionamento dos próprios limites nos quais tradicionalmente se localiza a atuação política. Fazendo pulsar a presença do sujeito na cultura, a arte pode fazer surgir zonas efêmeras de indefinição, nas quais se redefine a própria noção de política.” (pág. 179)

Para além das bandeiras e do passear, os atos e os cortejos comungam do processo de criação e organização de mutirão, sendo impossível de serem realizados a poucas mãos. No artigo *Os conceitos de mutirão e assentamento: ideias para a segunda Abolição*³, Kwame Ankh e Claudio Medeiros ponderam que em uma sociedade capitalista, que faz do trabalho o valor maior e coloca os indivíduos em competição entre si reforçando a coisificação das relações, os ajuntamentos para festejo da classe não dominante acabam por potencializar a cultura e reinventar essas mesmas relações de trabalho. Segundo os autores, o poder de coletividade de festa encontra brecha nesse sistema, e portanto, ressignifica o trabalho pela brincadeira, pelo jogo e pela alegria, trazendo um novo sentido ao corpo nessa mesma sociedade. Não seria possível festa sem mutirão e mutirão é em si é trabalho em coletividade, nessa perspectiva, um é dependente e fundamental ao outro, uma vez que, segundo eles “Nas culturas de diáspora, festa e trabalho não se excluem dialeticamente.”

² RIVERA, Tânia; PUCU, Isabela. **Carnaval: além de festa, um ato político.** Lua Nova, São Paulo, 96: 177-190, 2015. Disponível em: link: <https://www.scielo.br/j/ln/a/gkTvRQH8Q6sCcnSksm6yJnS/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 09 de junho de 2023.

³ ANKH, Kwame. MEDEIROS, Claudio. **Os conceitos de mutirão e assentamento: ideias para a segunda Abolição.** Ítaca, Especial Filosofia Africana, Rio de Janeiro, 36, p. (103 - 135), 2019. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/Itaca/article/view/31064/19768>. Acesso em: 28 de junho de 2023.





***Que abram-se
os olhos aos não
carnavais!***

Ao revisitar o ato de 1968, somos enredados à reflexão sobre o contexto atual do Brasil, o fantasma da ditadura militar se fez presente, não somente em gritos agudos, mas também na política de morte instalada pelo governo protofascista que se elegeu em 2018. Ainda que as violências por ódio em nome do candidato que viria a vencer a eleição fossem anteriores ao dia de sua vitória nas urnas, os quatro anos seguintes foram de institucionalização do ódio, ataques frontais à democracia e um intenso realce das desigualdades que assolam a população. Não bastasse o cerceamento às minorias, com a chegada da nova pandemia de Covid-19 em 2020 surge um novo alvo: as pesquisas científicas comprometidas em viabilizar a saúde pública durante esse período de crise. Descrédito, deboche e negligência foram a base da lida do governo com a pandemia que acabou por resultar em uma nação de vítimas com centenas de milhares vidas perdidas pelo atraso das autoridades diretamente responsáveis¹.

Os anos passaram arrastados e, contrapondo a quantidade de derrotas, poucas foram as oportunidades de celebrar. "Como seria o próximo carnaval?" é a pergunta que me assombrou principalmente nos momentos de isolamento de 2020 a 2022. Esboços, ideias, projetos surgem para tentar responder.

¹ Segundo o site <https://covid.saude.gov.br/>, acesso em 03 de junho de 2023.

1. PROJETO DE PERFORMANCE:

Festa também deixa rastro no chão

No centro vazio da cidade, estourar um balão cheio de serpentinas, purpurinas e confetes. Trazer memória pelo rastro, ainda que fora de época.



PASSO 1

Mapear os caminhos dos blocos pelos quais já passou marcando: à sua maneira onde você passou em cortejo em cortejo, caminhadas por entre blocos, onde você desceu do meio de transporte usado para ir, o que mais for importante pra festa.

PASSO 2

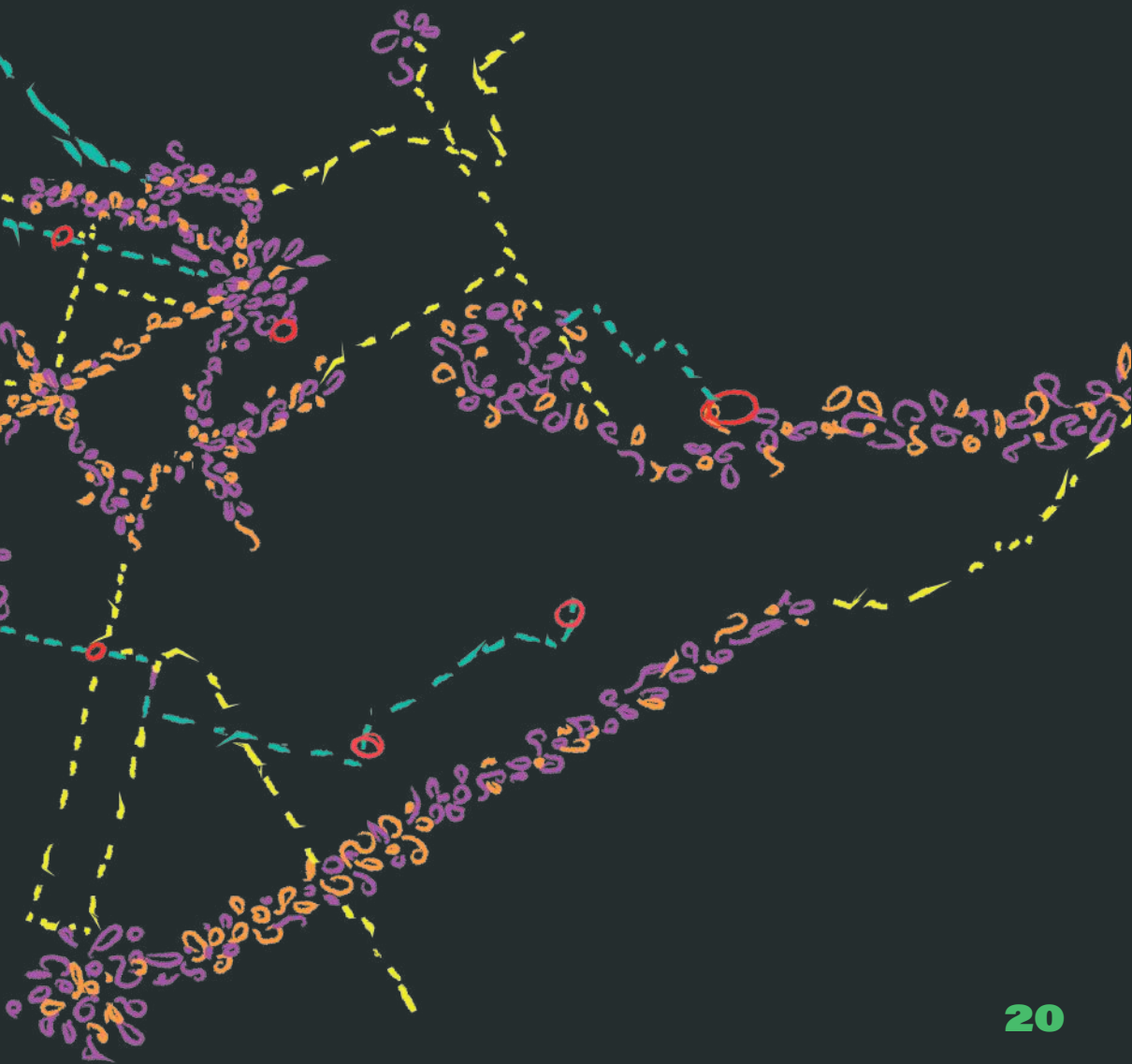
Faça seu próprio caleidoscópio


PASSO 3

Saia passeando por eles em deriva¹ levando o caleidoscópio para ver a cidade por outro prisma.

¹ Teoria da Deriva, Guy Debord.

2. PROPOSTA DE DESENHO E PERFORMANCE





3. TRABALHO EM FOTOGRAFIA

RE.IN.CARNA

Um registro das minhas tentativas de vislumbrar um carnaval em um fevereiro sóbrio. Invocar a alma de festa da rua da cidade para viver em um corpo que já não é o antigo, se reincarnalizar pelo olhar ébrio das memórias e dos passos.



**PARA
ABRIR
BLOCO
DECOR**

“um laranja puro é laranja, mas se colocado em relação com outras cores, ele será ou vermelho claro ou amarelo escuro, ou outro tom de laranja” Oiticica nos oferece esse pensamento que é tão potente por sua simplicidade, o que vale da cor é o propósito que damos a ela quando observamos o seu contexto, o que está ao seu redor, uma cor só é se comparada a outra. Me pergunto o que seria o laranja, ou qualquer outra cor, o que seria o roxo? O que é o amarelo? Hélio propõe, em sua obra, que percebamos cor como entidade viva a partir do jogo que faz entre a dimensão e materialidade de cada um deles, os Penetráveis, os Bólides, os Núcleos e os Parangolés, são exemplos de como é fundamental a interação humana para que seja possível o trabalho.

Em jogo entre vida e cor na pulsão criativa do carnaval de rua, estudo o estandarte como sendo o suporte que mais fielmente materializa o propósito a qual foi criado, anunciar essa cor pelo cortejo numa escala de multidão e multidão nacional.

*“o estandarte é por excelência um elemento ou objeto ultra-espa-
cial; há nele, implícito na sua estrutura objetiva, elementos que
seriam os mesmos exigidos, p.ex., para exprimir uma determinada
ordem espacial da estrutura-cor dada pelo objeto em si e pelo
ato de o espectador carrega-lo. A obra tendo tomado, pois, a
forma de um estandarte, não quis figura-lo ou transpor o que já
existe para uma outra visão, para um outro plano, mas se apropria
dos seus elementos objetivo constitutivos as ao tomar corpo, ao
plasmar-se na sua realização.”* (OITICICA, 1986. p. 67 - 68)¹

¹ OITICICA, Hélio. **Aspiro ao Grande Labirinto**. Rio de Janeiro: Rocco, 1986.



Como planta que insiste em crescer por entre as frestas de cimento, a festa se torna performance orgânica, sem forma muito definida, tendo como pulso a diversão e o prazer. Desde a flâmula que anuncia passagem até o último folião que a segue tudo se torna um em cortejo com purpurinas, lantejoulas, flores de plástico, emborrachados brilhantes, tecidos decorados, tudo se enfeita e se contamina entre si com pitadas de confetes e serpentinas. A festa também deixa rastro no chão.

Criei esboços de estandartes que buscassem traduzir essa explosão, essa confusão, esse barulho. A princípio esses seriam confeccionados com técnica de tapeçaria e assemblage, com incorporação de tecidos, espelhos, lantejoulas e adornos comuns aos enfeites de fantasias, mas ainda são esboços de futuro. Como caminhando pelo o cortejo brinquei com o posicionamento de cada um.

**JOGO DE MEMÓRIA. JOGO DE SAUDADE.
EM CALEIDOSCÓPIO.**



A LUZ DA LUA, A NOITE
E S C U R A
A CENA TODA COMO NUM
C I N E M A
O BUMBO AO LONGE, O METAL
A N U N C I A

TÁ COMEÇANDO M

A RUA ESTÁ CHEIA
EU VOU ME ESGUEIRANDO
FEITO UM NINJA NO MEIO DA
M U L T I D ã O
O PEITO INFLAMA, A LÁGIRMA
D E R R A M A

SAIS UM CARNAVAL

"O carnaval quem é que faz?" - Baiana System

O carnaval, quem é que faz?

O carnaval ainda quem faz é o folião!¹

Como canta baiana system, o carnaval não é, se não, a multidão que o vive, e para a vivência da festa secular feita do povo e para o povo, a organização é fundamental, afinal não existe ocupação desorganizada. Pelo povo e para o povo, a muitas mãos, por mutirões de trabalho, assim toda a festa é feita e se faz latente a necessidade desse processo de criação para a confecção e gestação da potencialidade viva que o estandarte representa.

Não teria como esboçar ou produzir nada que equiparasse à catarse de estar em plena festa após tempos tão fúnebres, e de tão pouca esperança que foram os últimos anos. A produção de um estandarte de carnaval exigia a força própria dos rituais de criação da festa que pode ser vivida de novo em sua plenitude nesse 2023.

¹BAIANA SYSTEM. **O Carnaval quem é que faz?**. Maquina de Louco (Universal Music Publishing): 2009. LP (54:54).



OFICINA

PARA QUAL BRASIL SE ABREM OS CAMINHOS?

Para qual futuro se abrem os caminhos?

Como reivindicar a cor em tempos de breu?

A oficina propõe aos participantes que, perseguindo uma resposta à pergunta guia, produzam estandartes de carnavais para saírem desfilando com os resultados. Como são várias as peças e as pessoas empenhadas na criação de cada bandeira, a questão disparadora age como ferramenta de criação da artista proponente tornando-a curadora de uma exposição que é efêmera e transitória. Diante disso, a proposta de se realizar uma expografia para passeio, um Museu Cortejo, como propõe o museólogo Mário Chagas, após o momento de criação, ainda que um cortejo de trajeto curto.

PASSO A PASSO

1

Apresentar a proposta pergunta: “Para qual Brasil se abrem os caminhos?”, a finalidade da oficina, contexto histórico brevemente, expor o assunto, pontos motivadores do tema da pesquisa;

2

Exibir um modelo base de montagem do estandarte (visto que os materiais serão limitados) e oferecer os materiais;

3

Criação livre;

4

Saída em cortejo do local de criação, piscinão da Escola de Belas Artes da UFMG, até a Praça de Serviços do Campus.

5

Experiência de apresentação caleidoscópica dos resultados e roda de conversa sobre o processo e os anseios de cada um.







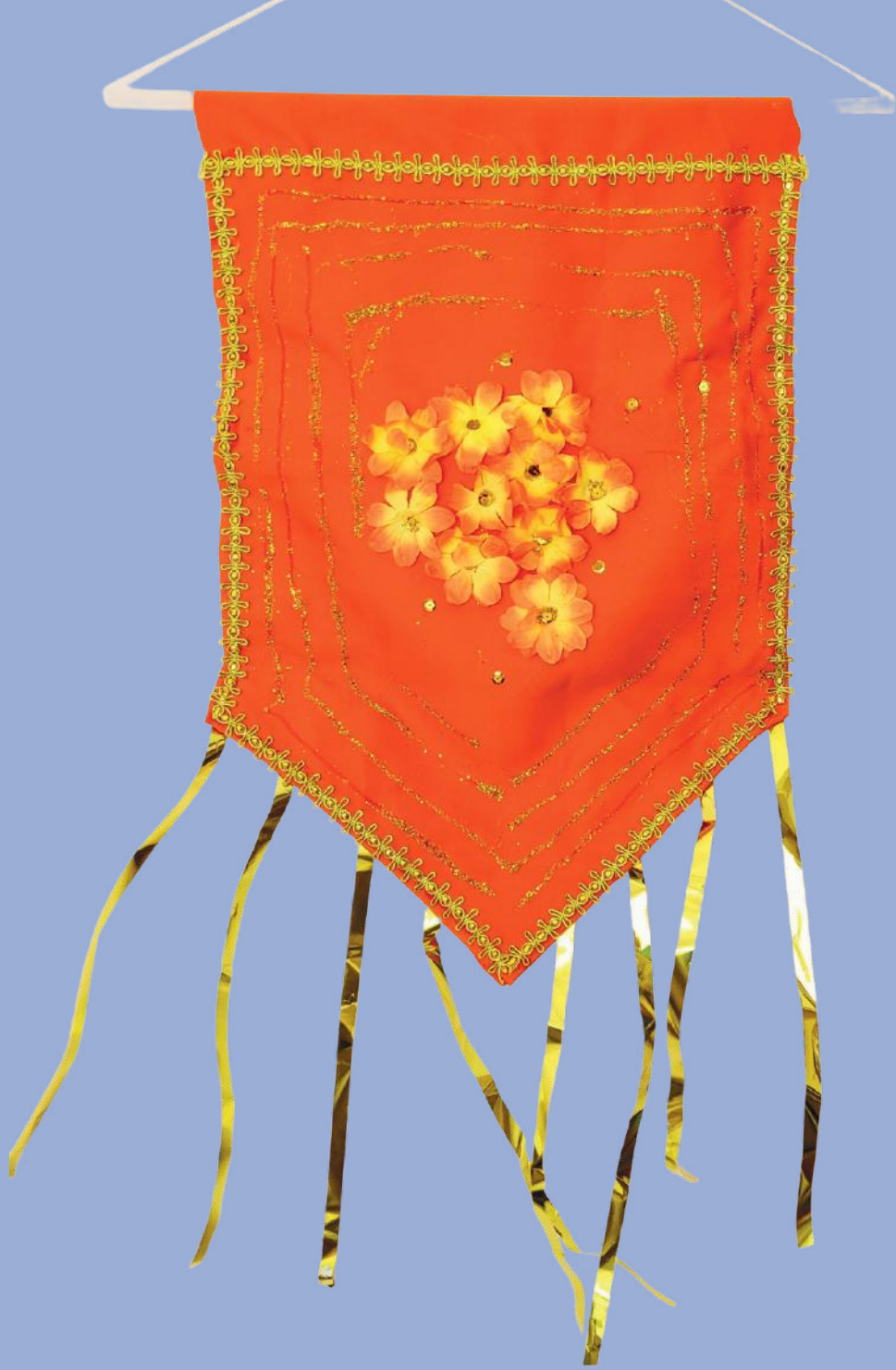


ES
TAN
DAR
TES





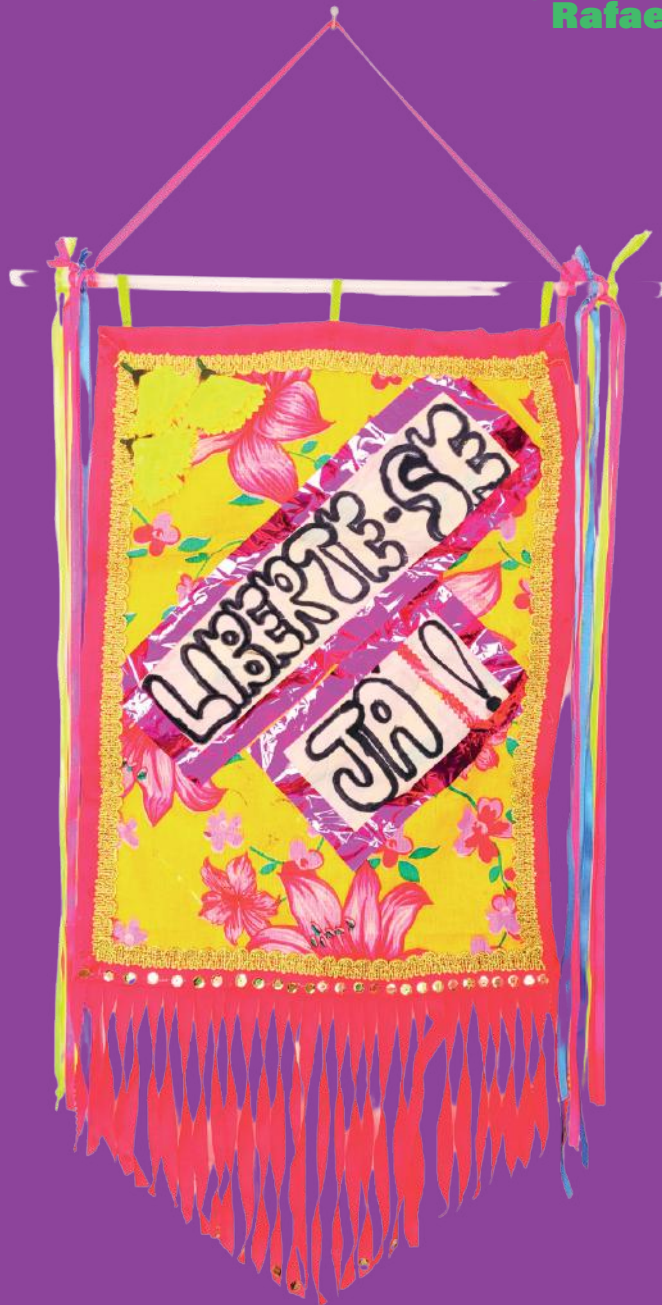
**Gabriel Araújo e
Clara Affonseca**



Erika Clingert



**Maria Regina Santiago e
Rafaela Braga**





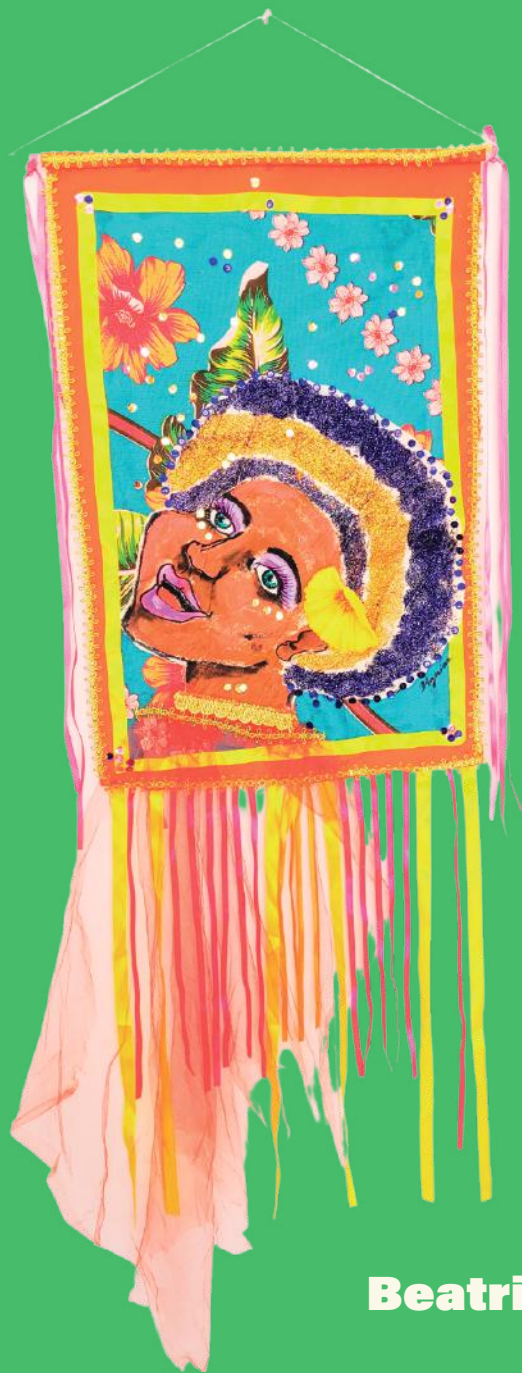
Mariana Ribeiro Bueno





*nós para desatar
os outros no
caminho*

Rodrigo Marques



Beatriz Aguiar



Clara Assumpção

Antônia Castro



Clara Assumpção



Alice Martins



Carolina Ruoso



Carolina Ruoso



Erika Clingert



saídas e bandeiras



"Desde o primeiro "estandarte", que funciona com o ato de carregar (pelo espectador) ou dançar, já aparece visível a relação da dança com o desenvolvimento estrutural dessas obras da "manifestação da cor no espaço ambiental". Toda a unidade estrutural dessas obras está baseada na estruturação que é aqui fundamental; o "ato" do espectador ao carregar a obra, ou ao dançar ou correr, revela a totalidade expressiva da mesma na sua estrutura: a estrutura atinge aí o máximo de ação própria no sentido do "ato expressivo". A ação é a pura manifestação expressiva da obra"

(Oiticica, 1986, p.71)

Oiticica produzia seu trabalho de maneira a contar com a participação do espectador para que a obra se tornasse completa, deste modo, sua produção interagiu com o espaço e tempo em que estava inserida, o que colocava abaixo as pré-definições do que haveria de ser pintura, escultura, desenho e tornando sem sentido as barreiras entre essas linguagens.

Nessa perspectiva, a proposta da oficina de estandartes na Escola de Belas Artes da UFMG, desde sua concepção no chamado ao público, até sua finalização em cortejo, é a obra maior a qual investigo neste ensaio. “Obra-ambiente”¹ que não consegue ser capturada em um frame estático e portanto acontece no movimento do fazer de cada oficinista participante, de modo que o estandarte-resposta funcione como um registro, uma fotografia desse processo e apenas nesse sentido cabe na expografia das instituições, nas salas de museu/galeria.

Ricardo Basbaum em *Manual do Artista-etc* discorre sobre a transitoriedade do artista entre os papéis que ele ocupa e que pode ocupar no mundo da arte, levantando a importância de como podemos atuar em setores outros além da produção direta da obra. Dessa maneira, no capítulo *Artista como Curador* o autor põe luz no fato de que, ainda produzindo a partir das suas próprias características, perspectiva e senso estético e pictórico, o artista pode também ter seu trabalho realizado à medida que transpõe esse potencial criativo para a produção de um ponto de vista agregador de vários outros trabalhos que conversam entre si, além do seu próprio, atuando como curador.

¹ Oiticica, 1986, p.71

No meu trabalho, me coloco como artista-cura-
dora, utilizando de uma pergunta como forma
de alinhar a produção coletiva a partir de um
direcionamento, essa pergunta funciona como
fio principal que interliga cada estandarte
produzido, mas o próprio espaço, contexto e
escolha de cada uma em estar ali trás outras
similaridades que acabam por refletir em cada
uma das flâmulas. À medida que recolho as
bandeiras produzidas, me vejo também no
papel de artista-colecionadora, enriquecendo
um acervo temporário que lança novas pergun-
tas às possibilidades expográficas e sendo
museu de constante renovação.

Apresentei neste trabalho o que acredito ser
uma potente forma de criação que me foi des-
pertada pelo carnaval e as cores da festa de rua
que utiliza da descentralização como ferramen-
ta criadora. Desviar do centro ou reinventá-lo
geograficamente pelos passeios livres e à
deriva, mas também socialmente retomando-o
pela visão periférica e por fim, na produção que
precisa de coletivo de criação-obra para ser
completa por si só.

¹ BASBAUM, Ricardo. Artista como curador. *In*: **Manual do artista-etc.** Rio de Janeiro: Beco Azogue, 2013. p.67-75.

Rumando um rompimento com as fronteiras estabelecidas previamente pelos mundos da arte, que cerca o artista em um território monocultural de produção de produtos-arte, levanto bandeira à ocupação de novos espaços ao redor, que podem tornar o artista ator de funções, que somente serviam para mediar seu trabalho ao espectador. Desse fluxo, estaria o movimento oxigenador de um mercado artístico renovado em potência e criatividade à partir das demandas não ocidentais das artes, que não necessariamente precisam de espaços institucionalizados para acontecer. Museu também é transitório, é cortejo. Museu Popular de Arte Estandarte, que se faz na caminhada e se realiza passeando.

***Andar por avenidas
enfrentando o que não
da mais pé²***

²MILTON NASCIMENTO E LÔ BORGES. **Saídas e Bandeiras nº 2**. EMI Odeon: 1972. LP (64:22).

